

# MUNDARÉU

**MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**  
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Quinta temporada

Episódio #29: Entre fissuras e cortinas: modos feministas de habitar a memória

Transcrição do episódio: Maxie Viana Pereira e Jade Luz Ciconello

Revisão da transcrição:

Roteiro: Irene do Planalto e Clarissa Reche

## LEGENDA

- Blocos
- Sonoplastia

Vinheta de abertura: “Já foi”, de Janine Mathias. Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Pra que esperar se eu sou movimento?

Pra que questionar inventaram o tempo

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

Vem, vamos brincar de amanhecer, e o amanhã vai se estabelecer

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

## ABERTURA

**Irene:** Será que é possível construir práticas de pesquisa e de trabalho que sejam

libertadoras mesmo quando a gente atua dentro de estruturas institucionais que carregam heranças colonialistas, racistas e sexistas? E se é possível, como fazer isso? Essas são algumas das grandes questões que a gente traz na crítica feminista da ciência e da tecnologia. Eu sou Irene do Planalto, este é o podcast Mundaréu. No episódio de hoje, a gente vai se aproximar dessas questões a partir de um campo importantíssimo tanto para o entendimento de quem somos quanto para imaginar o que a gente pode ser: a produção e o cuidado com as nossas memórias coletivas.

**Clarissa:** Olá, eu sou a Clarissa Reche, e te convido para acompanhar a gente e ouvir um pouquinho do que foi a nossa viagem até Goiânia. Lá, a gente conheceu os trabalhos de Camila Wichers, professora na graduação de Museologia e na pós-graduação de Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás, e de Leonardo Tavares Alencar, mestrando em Museologia na UFG e orientando de Camila. Além de conhecer o campus, nós também visitamos o Museu de Imagem e do Som de Goiânia. É nesse dentro e fora da universidade que pudemos conhecer mais sobre as aproximações e afastamentos entre as áreas de museologia, arqueologia e antropologia. E também pudemos fabular sobre patrimônio, memória e processos de musealização que podem servir para propósitos feministas decoloniais. E aqui vai um *spoiler*: são nas fissuras que estão as possibilidades de criarmos contra-narrativas.

**Irene:** O episódio de hoje foi gravado no dia 23 de novembro, no Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás e também no Museu de Imagem e do Som de Goiás. Estava acontecendo a 9º Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia e a equipe do Mundaréu estava lá em peso, participando do evento. Quem estava com a gente nessas gravações era a Daniela Manica, de quem você vai ouvir a voz em algumas das conversas, e também a Joana Amaral, a Jade Luz, a Fernanda Mariath, além de mim e a Clarissa... Vem com a gente, vamos chegando no Campus Samambaia da UFG.

**Camila:** Oi, tudo bom, Dani? Tudo bom? tudo bom pessoal?

**Equipe Mundaréu:** Olá, muito prazer.

**Clarissa:** O campus fica um pouco mais afastado do centro de Goiânia, é bem arborizado e bonito. Era novembro, então chovia em Goiás e a grama tava bem verdinha.

**Irene:** Chegando na rua Jacarandá, a gente viu uma calçada pintada de azul com florzinhas brancas, rosas e amarelas. Nas árvores, filtros dos sonhos e enfeites feitos de lã. Ali fica a Faculdade de Ciências Sociais. Na entrada do prédio, tinha uma grande mesa de madeira com um vaso de plantas em cima. A gente pediu pra Camila apresentar o campus pra gente.

**Camila:** Estamos na faculdade de ciências sociais. Esse é conhecido como prédio Humanidades 2 porque temos também Humanidades 1... a gente divide 2 prédios, basicamente as ciências sociais, história e filosofia, mas toda a parte administrativa, as nossas salas e onde estamos indo, né? Que são as salas dos núcleos de pesquisa que funcionam aqui. Aqui vocês estão vendo, já, um ambiente bem mais acolhedor. Porque essa esse prédio aqui? Até uma coisa interessante. Algumas pessoas achavam que aquele pessoal das exatas passavam... ah, é humanas, parece exatas, porque dizia que era muito sem assim vida, digamos. E aí a gente começou uma coisa de trabalhar com lambes lá fora,

de trabalhar com plantas né, de trazer outras, dá mais a nossa cara, mas é porque eu não era um prédio novo, ainda com pandemia e tudo não tinha tido ainda essa essa nossa marca, digamos assim. Mas é interessante essa confusão, né.

**Daniela:** É, eu percebi que o jardim está super bem cuidado aqui na frente, que que foi mesmo que você viu nas árvores?

**Clarissa:** Ali está, tem tasselzinhos, tem bolinhas de lã, as árvores estão todas decoradas, assim com com lã coloridinha, muito bonitinho.

**Irene:** Parece um filtro dos sonhos também né?

**Clarissa:** bem hippie. risos

**Camila:** Sim, sim, foram alunas daqui e, assim, faz o maior sucesso com a criançada também, né? Com mães, pessoas com crianças, pais e também até a galerinha da creche vem aqui às vezes brincar e também ficou muito bonita essa entrada, né? Com essa pintura, flores no chão. Então, foi justamente também um pouco em resposta a isso. Estamos parecendo ser, né, das ciências das *hard sciences* e aquela coisa cientista social, vamos mudar isso, né não?

**Daniela:** Não somos (risos).

**Camila:** Não é a nossa cara. Exato. E também tem os nossos inquilinos, que são cachorros, gatos, que a gente tem de também construir um espaço *pet friendly* com todas as dificuldades também que isso envolve, né? Dentro da comunidade, mas temos aqui os nossos colegas também.

## Trilha sonora

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

## BLOCO 1: Ser-tão, ser-tantas...

**Irene:** Depois de uma volta pelo prédio, que também é cheio de plantas e gatos, fomos para a sala do Ser-Tão – Núcleo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Gênero e Sexualidade. Ser...Tão, separados por um hífen.

**Camila:** é uma brincadeira, né? Assim, estamos no sertão, a gente tem uma pesquisadora que inclusive, já falecida, Custódia Selma Sena, que ela tem essa categoria do Sertão, né? Ela na realidade, pega isso como uma categoria imaginada para construir aquele espaço. E daí o pessoal do núcleo, que é anterior a minha chegada, quando eu chego já tinha esse núcleo é coloca o Ser-Tão né? Para pensar esse núcleo de gênero, sexualidade.

**Clarissa:** A sala é pequena e acolhedora, com uma mesa redonda e uma estante de livros. Na parede, chamava atenção os quadros com letras coloridas escrito “UFG SEM HOMOFOBIA” e, como a Camila leu pra gente na hora...

**Camila:** Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar, Guimarães Rosa. Então vai, né? Nessa pegada, assim, que é muito inspiradora pra gente pensar esse lugar, né? Muito, muitas pessoas que estão aqui vieram de outros lugares, algumas daqui, mas todo mundo junto pensando como é fazer ciência aqui, uma ciência que vai inspirada na crítica feminista, né? O que que isso significa, e o que que isso tem de diferente de quando, por exemplo, a gente estava em outras universidades, de outros espaços do país que não são, né? Aí é essa Litoral-Sertão, né? Quando a gente vem pro Sertão, que que muda?

**Irene:** A Camila fez mestrado e doutorado em Arqueologia na USP e também mestrado em Museologia na Universidade Lusófona, em Portugal. As pesquisas dela envolvem a teoria arqueológica e museológica, a musealização da arqueologia, o estudo de coleções indígenas e a análise dos discursos museais e patrimoniais, articulando gênero, raça, sexualidade, classe e outros marcadores sociais da diferença.

**Camila:** É, eu sou professora do curso de Museologia da graduação em Museologia. Ao chegar, como eu tenho uma formação em Arqueologia e sempre transitando pela Antropologia, eu fui para o programa, né? Da do PPGAS da Antropologia Social. Então atuo na graduação, na Museologia e aí a estrutura é a faculdade de Ciências Sociais e dentro disso a gente tem os cursos, são 5 cursos de graduação, 3 de Ciências Sociais, temos Relações Internacionais e temos Museologia e temos também as pós, né? Quatro programas de pós. Na Universidade de São Paulo eu fiz História, mas sempre fui uma filha muito assim, rebelde da História, porque vivi toda a graduação no Museu de Arqueologia e Etnologia, fazendo a iniciação, mestrado, doutorado e eu depois busquei uma formação que eu também tenho, em Museologia, em Portugal, mas é na Universidade Lusófona. Eu acabei fazendo 2 teses assim, uma loucura, uma em Arqueologia, a outra em Museologia. Mas ambas pensando essa relação entre as narrativas arqueológicas e como que elas aparecem nos museus, né? Que tipo de representação a gente constroi a partir dessa ciência arqueológica, né? Então demanda olhar para os museus, mas também para essa própria fazer científico da Arqueologia.

**Clarissa:** A Camila está interessada em olhar para como se fazem os museus e a arqueologia... Perguntamos pra ela como ela vê a conexão entre essas duas áreas.

**Camila:** Elas tão bem interligadas, porque assim, eu trabalho com uma ideia de não só eu, mas outras colegas né, de uma Arqueologia como leitura do mundo, materialidades, então assim, de uma Arqueologia do contemporâneo. Então isso se cruza muito mais com o campo dos museus do que, digamos assim, eu estou falando aqui de uma Arqueologia que está abolindo a ideia de pré-colonial de pré-história de tudo isso é uma arqueologia do presente, pensando corpos, coisas, pessoas, então isso ajuda quando a gente está trabalhando também em museus, por exemplo, vocês foram no Museu da Imagem do Som Luiz Goiás?

**Daniela:** Fomos!

## **BLOCO 2: Museu da Imagem e do Som**

**Irene:** Sim, a gente tinha ido pro Museu da Imagem e do Som de Goiás naquela manhã. O Museu fica bem no centro de Goiânia, na Praça Cívica, também chamada de Praça Doutor Pedro Ludovico Teixeira, o fundador da cidade. É uma praça grande, com vários monumentos. Tem, por exemplo, o Monumento das Três Raças. Imagina aí, é uma estrutura de bronze, de 7 metros, que tem um pilar alto assim que está tombando pro lado e três figuras masculinas segurando esse pilar pra não cair... E ali na praça também tem edifícios antigos como o Palácio das Esmeraldas, que tem a cor de seu nome e é rodeado por arbustos.

**Clarissa:** Olhando de fora, o edifício do Museu de Imagem e Som, que a gente vai chamar de MIS, parece um pouco um hospital. Mas na verdade tem o estilo art déco, com várias janelas e colunas de sustentação. É um edifício que foi construído na década de 30 pra ser um prédio administrativo, e que hoje chama Centro Cultural Marietta Telles Machado. Quando a gente foi lá, o prédio tava pintado de branco e salmão. Quando você entra tem um saguão grande, um chão lindo de ladrilho hidráulico quadrado colorido, preto, vermelho e laranja... Tem duas escadas uma em cada canto e, pelas janelas, dá pra ver os monumentos da praça.

### **Som ambiente de chegada no MIS**

**Luís:** Ó, primeiramente, sejam bem-vindas ao Museu da Imagem e do Som de Goiás.

**Irene:** quem recebeu a gente foi o Luís...

**Luís:** Meu nome é Luís, eu sou museólogo, vou falar um pouquinho sobre mim, para a gente começar a conversa. Eu formei aqui na UFG, Universidade Federal de Goiás e formei em 2015 e trabalho no museu desde 2014. Então eu brinco que eu sou quase um acervo aqui do da instituição.

**Clarissa:** O MIS foi criado em 1988 pra preservar, produzir e divulgar as formas de expressão histórica, artística e cultural de Goiás, registradas em áudio e vídeo. Então o acervo do MIS tem várias coleções de discos, fitas cassetes, filmes, fotografias...

**Luís:** E o MIS, ele surgiu em 88, com a ideia de salvaguardar o acervo audiovisual do estado. Então foi feita uma chamada onde as pessoas conseguiram doar fotos, alguns registros de áudio e vídeo para o para o museu. E aí foram formadas nossas coleções. Inicialmente, o prédio do MIS não era aqui. Ele foi vindo para cá só na década de 90. Ele, o MIS, ele foi ocupando outros espaços da Secretaria de Cultura até finalmente, na década de 90, chegar aqui na praça cívica, que é esse edifício que vocês estão hoje, que é o Centro Cultural Marieta Telles Machado.

**Irene:** A gente perguntou qual era o acervo do MIS, que tipo de obras eles guardam e como esse acervo é visitado.

**Luís:** Hoje o MIS, a gente tem 3 acervos principais, que é o acervo fonográfico, o fotográfico e o videográfico. E cada acervo tem suas particularidades. Então para a gente não interessa muito se esse acervo é produzido, se é antigo ou se ele é novo, é porque às vezes tem uma noção de que museu é o lugar, é que tem que ser histórico, não pode ter, pode não receber coisas recentes, mas não é o nosso caso. A gente está interessado em manter todo o acervo audiovisual que a gente acha que faz sentido para nossa política. No nosso cotidiano, a gente costuma atender bastante pesquisadores, pesquisadoras, nos acervos fotográficos, é o mais pesquisado assim, principalmente pelo público universitário. O pessoal que quer fazer uma exposição, ou então que pra um documentário, vem também, só que é bem pouco. E aí, fora dos atendimentos ao pesquisador, a gente também atende ao público que, majoritariamente, são escolas, universidades e o público que vem sem agendar. A gente leva na nossa exposição. A gente não tem uma exposição de longa duração, a nossa sala de exposição são exposições de curta duração, e, atualmente, a exposição que fala sobre os monumentos de Goiânia.

**Irene:** Na época que a gente foi lá no MIS, estava acontecendo uma Exposição chamada assim “Luz e Sombras: As Memórias Escondidas nas Esculturas de Goiânia”, organizada por Bárbara Yanara, junto com alunos do 4º período do curso de Museologia da UFG, durante uma disciplina. A ideia era justamente pensar a questão dos patrimônios na cidade de Goiânia em tom crítico. Entre os vários patrimônios analisados, tá a estátua do Anhanguera, um bandeirante que foi de São Paulo pra, como eles colocam na história oficial, desbravar o interior do Brasil. Fomos conhecer a exposição e quem apresentou pra gente foi a Gisele, historiadora e responsável pelo acervo fonográfico do MIS.

**Gisele:** E uma das principais avenidas de Goiânia foi em homenagem a ele, ao Anhanguera.

**Daniela:** É sim!

**Gisele:** Ai tá lá a estátua do bandeirante na, no cruzamento da avenida Anhanguera com a Avenida Goiás.

**Daniela:** Sim.

**Gisele:** Que foi em homenagem ao povo Goiás, que foi dizimado pelos Bandeirantes.

**Daniela:** Contradição, né? Contradição encarnada na cidade.

**Gisele:** É.

**Luís:** E a exposição questiona isso, tipo tá, será que realmente ele é esse herói? que os órgãos oficiais colocam como sendo um herói?

**Irene:** “Nação mais branca que o ordinário dos índios desta capitania, e domiciliária no lugar da vila e pelas vizinhanças da Serra Dourada, pacífica e já extinta”.

**Luís:** E ela continua colocando também uma estátua do interventor da cidade, que é o

Pedro Ludovico, que ele fundou Goiânia segue também por um monumento que tem no centro da praça cívica, que é a praça que que nós estamos agora, que é um monumento que consiste em três figuras masculinas segurando como se fosse um Pilar que está tombando.

**Clarissa:** este é o monumento que a gente tava comentando antes, o Monumento das Três Raças, criado em 1968 pela artista plástica Neusa Moraes.

**Luís:** Ela quis representar as três raças que construíram o estado de Goiás, na visão dela, que é o indígena, o homem branco e o homem negro. E cada figura masculina está vestida de uma forma diferente. A gente tem uma figura que está usando uma calça comprida, um short e outra figura tá sem roupa.

**Daniela:** Vamos adivinhar quem está vestido com roupa... quem está nu e quem está de bermuda...

**Irene:** a gente também viu coleções de grafismos indígenas e seus significados...

**Clarissa:** Bico de papagaio, rabo de quati, figura da mulher, rabo de quati também. Aqui o rabinho ó. Uhmm.

**Irene:** Na exposição Luz e Sombra, que a gente comentou agora a pouco, também tinha uma parte separada por uma cortina preta, onde trazia documentos e fotos sobre a luta contra ditadura militar em Goiás.

**Gisele:** Aí são essas são as 15 pessoas, os 15 goianos, as 15 goianas que são estas daqui também.

**Daniela:** Foram os homenageados pela luta contra a ditadura militar.

**Clarissa:** A exposição apresentou essas memórias escondidas nas esculturas e nos patrimônios de Goiânia, cidade que completou 90 anos em 2023. Apesar de ser uma cidade relativamente nova, as sombras da colonialidade estão marcadas nos discursos e patrimônios da cidade. Na expografia, a gente percebeu como se dá a disputa pela memória. Para chegar onde estavam as imagens sobre a ditadura, a gente tinha que atravessar uma cortina que separava esse espaço do resto. Uma escolha expográfica acertada, incrivelmente literal. Enquanto a luta contra a ditadura está atrás das cortinas, silenciada, os bandeirantes genocidas estão publicamente homenageados na Praça Cívica.

### **BLOCO 3: De volta ao Sertão e sua herança colonial**

#### **música de transição**

**É hora, agora, já foi**

**É hora, agora, já foi**

**Eu quero cantar pra saudar o vento**

**Que é como o amar de cada momento**

**A paixão e a paz e eu já não me aguento**

**É querer demais que eu tenho aqui dentro**

**E eu tenho**

**Pra quê?**

**Irene:** Depois dessa volta no MIS e na exposição, vamos voltar pra conversa com a Camila Wichers, justamente pra entender mais sobre essas fissuras criadas entre as narrativas oficiais, sobre essa disputa de luz e sombra nas memórias da cidade... A Camila contou pra gente sobre como pesquisas universitárias críticas chegam nos museus, como acontece o diálogo entre a Museologia e a Arqueologia dentro dos museus...

**Camila:** Vocês foram no MIS e o que vocês viram lá, né? Na exposição, que inclusive é do curso de Museologia, de alunas, de uma professora também daqui do curso, é a tentativa de instalar ali, de abrir um pouco mais essas fendas, né? Então, a gente entende que isso também é, são processos necessários... Ajuda essa formação na arqueologia no sentido de ler essas materialidades também melhor. Amplia mais, não só para museus antropológicos, mas também para museus históricos, museus de arte, enfim. E também novas formas de museus, né? Na realidade, quando a gente pensa que tem a colonialidade, tem essa estrutura, os museus, eles são uma herança colonial. Essa ferida colonial tá. Ele é um herdeiro direto, então a gente tenta entender isso, esse sistema, mas também eu gosto muito da ideia de fissura que a Rita Segato traz um pouco, então a gente tem trabalhado nas pesquisas a ideia de que existem fissuras. Mas o que a gente tá falando também é de novos processos e museus que, para as pessoas que não são do nosso campo, nem chamariam de museu né, porque para nós tem é o museu de terreiro, é um museu, por exemplo, eu trabalho também no Araguaia, né? Na na cidade de Aruanã, então a aldeia lá é entendida toda ela como um museu, então tem novos modelos de museu para derrubar essa estrutura, como também a gente vai criando essas fendas nesses museus mais tradicionais e tentando transformá-los.

**Clarissa:** quando a gente vê aquelas estátuas de Bandeirantes genocidas representados como heróis, a gente fica pensando como transformar essas memórias, como tirar a homenagem a um processo tão violento, como intervir, ou derrubar, e o que que a gente pode colocar no lugar.

**Irene:** A gente pediu para Camila falar um pouco mais sobre o que exatamente precisava ser transformado nos museus tradicionais

**Camila:** É, olhar um pouco, então, para os museus como esse lugar de construção de representações hegemônicas e que essas representações geram essas desigualdades, a gente está falando de um país em que poucas pessoas visitam os museus. Então, na realidade o museu, ele passa a ser mais um lugar de deleite desse pacto narcísico, né? Porque ele é mais frequentado por pessoas brancas. Pessoas brancas, ricas, homens.



Então, assim. Na nossa realidade a gente está falando, né? De 90% da população não vai ter contato com esse espaço, mas qual que vai ter contato então? Então também quando eu giro essa chave, a representação do negro, do indígena, da pessoa trans. Mas espera aí, deixa eu ver como é que é a representação da masculinidade, da branquitude, dessa heterossexualidade compulsória. A gente vai girando essa chave e pensa, é um lugar também de deleite para essa, né? para uma elite branca, enfim, que as as representações desses com aspas, "outros e outras", elas via de regra, vão ser pautadas em em estereótipos, não é? processos de estereotipagem vão atuar ali ou também a gente vê muitos apagamentos, os exílios, os silenciamentos, mas também os estereótipos sendo construídos. Então eu trabalho bastante com essa questão também de classe, porque eu sou da da periferia de São Paulo e obviamente que só quando passo na universidade que fui ter esse acesso. E eu falo até que é importante na Museologia se tende por vezes, uma Museologia mais tradicional. "Ah, mas o brasileiro não gosta de museu". Aquela coisa que na Antropologia a gente já, né? Já desconstruiu. Mas na Museologia a gente precisa pautar, né? Eu já tive discussões de falar, olha, está tudo bem com a minha mãe, entendeu? eu não ter ido a museus. Porque assim, isso não fazia parte do rol de possibilidades, né? E a nossa luta aqui é, como que a gente faz o museu ao mesmo tempo no Brasil ser democratizado, mas com outras representações? E aí, como o Leo, tantas outras pessoas vão ter um contato com esse lugar e vão pensar, olha, né? Essas que chegam até lá. Isso não me diz respeito se elas não estão dentro desse pacto, elas não não vão se reconhecer, né?

**Clarissa:** O Leonardo é formado em História pelo Instituto Federal de Goiás e graduado em Museologia pela UFG. Na época da entrevista, ele estava fazendo mestrado em Museologia nessa mesma universidade.

**Leo:** Bom, eu sou o Leonardo. Eu sou do interior de Goiás, sou de uma cidade chamada Iporá, não sei se vocês já ouviram falar. E lá aí a questão que sempre me chamou assim, pela questão da homofobia é ser homem, né? O que é ser homem? O que é ser homem é viado, vira homem, sabe? Vira homem, vira homem. Falei assim, eu preciso escrever o que é ser homem. Me deixa em paz, sabe? E eu chego aqui na Museologia e assim, eu tenho um contato primeiro com aquela Museologia tradicional. Só que quando eu chego com a Camila, eu já vejo assim, opa, eu tenho uma outra percepção aqui. O currículo aqui está mudado. E as minhas questões/indagações são porque eu visitava os museus. Aí eu falo pra Camila, Camila que a gente precisa falar sobre as masculinidades, as masculinidades dos museus. E aí ela, total incentivo, e a gente vai pesquisando, vai na bibliografia e aí assim fiquei muito feliz porque nós somos as precursoras para falar sobre esse assunto nos museus, né? Então assim, eu sempre. Minha questão é questionar primeiro a materialidade do que é ser homem. E porque tantos homens, sabe porque homem, homem, homem, e eu falava assim, Camila! e eu fui no Memorial do Cerrado, e lá tem as exposições e eu lembro de ver uma família no acervo, né? E eu peguei e falei e pensei assim, nossa, mas eu não quero ser homem, eu não quero chegar a esse destino. Como que eu vou fazer, né? Eu percebi que os museus eles aprisionam o que é que a gente tem que ser? E eu falei, eu não quero ser isso, eu quero ter a minha vida, quero ter a minha liberdade e não quero sofrer ou morrer por isso, então quero ser feliz, quero viver em paz. Então as nossas críticas são pertinentes e são assim, provocadoras...

**Irene:** O Leonardo e a Camila também nos provocam a lembrar da Praça Cívica Doutor Pedro Ludovico Teixeira, onde a gente tinha ido mais cedo...

**Leo:** Você chega e você vê aquela história contada entre vencedores e perdedores, sabe? E a busca pela modernidade que tem. Aí logo tem o Museu Pedro Ludovico, que conta a história de Goiânia. O fundador de Goiânia. Então, assim suavizando e romantizando. Eu falei, Camila, a gente precisa denunciar isso. As fissuras estão aqui. A gente vai denunciar e vai questionar sim, essa masculinidade é porque não é justo. É. Tem que usar meu lugar de privilégio para poder falar sobre isso, né?

**Camila:** É essa ideia do "ocupar" um lugar primitivo, né? Que não há ninguém, enfim, então a ideia do sertão ela foi sempre ativada a partir disso, né? Então, há ali um espaço a ser conquistado, né? E a desbravar, então, a marcha? Estamos aqui ,marcha para Oeste, né? Então ali a praça cívica, ela é ali. Ela tem um discurso, né? Ela traz um discurso, ela é uma obra, quando a gente pensa, ela é uma obra, é personagem, assim central disso, porque ela está todos os dias reiterando esse discurso. É uma narrativa que se repete então em outros museus, e não é só aqui, dessa conquista, desse sertão. Que o museu, ele na realidade, ele vai colocar tudo isso, apaziguar. Ele é um lugar para apaziguar. Não há conflito, não há contradição, né, o que estamos aqui, todo mundo bem, e é isso. E quando a gente começa a trazer essas coisas para a Museologia, "nossa, vocês estão... não tem nada a ver..."

#### **BLOCO 4: Museologias e antropologias decoloniais?**

**É hora, agora, já foi**

**Vem, vamos brincar de amanhecer, e o amanhã vai se estabelecer**

**É hora, agora, já foi**

**É hora, agora, já foi**

**Clarissa:** Uma das coisas que deixou a gente bem curiosa foi saber mais sobre as aproximações e tensões entre antropologia, museologia e arqueologia. Essas disciplinas são meio que primas-irmãs, já que lá atrás foram gestadas nos mesmos espaços, com intenções muito próximas. A gente pediu para Camila comentar um pouco sobre isso...

**Camila:** Por exemplo, lá na aldeia que eu falei, onde tem um museu? O que é que é fazer arqueologia lá? É andar de barco, escutando as histórias que mulheres inã e homens inã contam para a gente, contam cada curva do rio, tem o nome. Quem morou aqui. Existem evidências, materiais? Existem. A gente vai documentando junto e decidindo junto, mas não é o prioritário escavar, capturar. Chega de capturar objetos e trazer para o aqui para o museu, né? Já está, já tem muita coisa aí capturada, raptada, né? São pessoas raptadas nesses objetos. São pessoas, são raptadas. Então não é sobre isso, e então isso gera também um pouco de desconfiança, mas na Antropologia eu sempre senti assim uma ideia de "tá, fala mais, como é que é? Na Museologia, como é que é na Arqueologia? Como é que é? aqui, o que que isso muda?" Porque na Antropologia, tem também uma larga, e no Brasil, a gente tem uma larga assim produção né, uma produção volumosa e bastante

importante no campo dos museus, né? Antropólogos e antropólogas, porque a gente começa pesquisando nos museus. Né? A Antropologia no Brasil, onde ela começa? nos museus. Então a gente tem trabalho sobre isso, então a desconfiança é menor, porque assim já existem, já existem os colegas que já atuavam em museus e a gente só chega com essa ideia mais. Ah, existe esse campo, Museologia e os museus, eles são um espaço para todos esses campos olharem, inclusive a Museologia. Mas a Museologia a gente está mais interessado também em intervir, né? A nossa ideia eu costumo diferenciar assim, qual é a Camila, antropóloga e museóloga, a museóloga gosta de "é importante intervir". Por exemplo, se eu vou para as aldeias, eu analiso as relações. Eu analiso o museu que está lá, mas não só isso. A gente fez uma exposição, a primeira exposição bilíngue concebida em Inanibé não foi concebida em português. Isso é importante, então concebida por eles. Eu não falo Inanibé, muito pouco. Então assim, então intervir. Eu acho que a Museologia me trouxe essa pegada do intervir e eu costumo pensar que a Antropologia, embora ela também vá intervir, a Antropologia, ela, ela tem essa faceta aplicada toda, ela ganha até quando eu trago essa museologia, porque daí a gente trabalha junto, né, a gente consegue construir outras formas de pesquisa.

**Irene:** Os museus são espaços importantes de produção e comunicação da ciência há muito tempo... Eles produzem e guardam muitas pesquisas! Como a Camila disse, a antropologia brasileira nasce no museu.

**Camila:** se a gente olhar a longa história, né, dos museus, mesmo aqui no Brasil, eles eram o espaço do fazer a ciência. A gente não começa com a universidade, começa com os museus. Depois, isso desloca, né, alguns museus, a gente entende, eu entendo, eu entendo que o museu é um espaço de pesquisa, mas infelizmente muitos deles são destituídos dessa possibilidade. E mesmo quando há pesquisa, por vezes não é uma pesquisa engajada nessas questões, ou seja, eles acabam sendo também espaços de divulgação de pesquisas. Então, o que a gente está fazendo aqui. Eu, Léo, outras estudantes, é, ao mesmo tempo em que a gente está provocando, seja a Antropologia, a Arqueologia, a História, a gente está olhando, tá. Como que isso está sendo comunicado nos museus? A gente está olhando justamente como uma ciência está sendo comunicada, então assim, eu estou entendendo que vocês estão interessadas, né? nessa comunicação da ciência, então como que isso tem sido feito? Então a nossa pesquisa aqui, ela permeia, porque não tem como eu olhar para o museu e para essas exposições sem pensar as áreas científicas que produziram o discurso, certo? Então, se eu estou no Museu de Ciências, eu vou ter ali pessoas da biologia, pessoas da química, enfim, construindo. Nesse caso, eu estou falando de Arqueologia e Paleontologia, construíram aquela narrativa, né? Eu vou ter também pesquisadores do campo da História, então a nossa pesquisa meio que ela desliza, sabe? Ela desliza, porque os museus são um lugar onde essas pesquisas são divulgadas, então, mas para entender isso, eu tenho que ir lá também nessa narrativa, né? nessa narrativa científica, que é construída e como é que ela aparece ali? Então, por isso é interessante também essa perspectiva interdisciplinar, mesmo, em todo, em todo o desenho, né? dessas pesquisas.

**Clarissa:** A herança que a ideia de museu carrega é colonial, racista, patriarcal, e a gente estava interessada em debater se seria possível criar um museu decolonial, que partisse de novas perspectivas sobre a memória, sobre o conhecimento. Perguntamos pra Camila e pro Leo se um museu pode ser decolonial. E, lá no fundo, qual seria o sonho deles pro

museu?

**Camila:** O que a Françoise Vergés fala no livro é que seria um pós-museu ou um contra-museu. Esse museu que está aí não, não pode ser decolonizado. Ela traz um pouco disso e eu concordo. Agora eu sou professora de Museologia, então eu penso assim. Também é uma estratégia, é um campo de batalha, então é um campo de batalha, de experimentação. Agora, sem uma ingenuidade de achar que aquela instituição vai ser, é decolonial. Ela vai romper totalmente.

**Leo:** Não tenho como decolonizar o museu, se as pessoas não, não se decolonizarem. e aí a gente chega ali naquele museu e fala: “oh não me reconheço, não quero esse, esse esse lugar para mim” e as pessoas falam “não, a história é desse jeito”. A gente está nesse campo de batalha...

**Camila:** Eu acho que o contexto local ele vai talvez mais lento, mas eu acho que na vida das pessoas que chegam no curso de Museologia e vêm que a Museologia pode ser isso. Ah, eu posso falar de masculinidade, né? É isso, eu acho que é o que dá força, sabe? Ah, porque as pessoas estão fazendo, estão multiplicando e vão abrir outros espaços. E daí o museu, talvez esse contra-museu essas instituições que estão colocadas, a gente vai provocar, a gente, que nem a exposição que vocês viram, né? Vai conseguir um espaço aqui, outro ali. Mas vamos criar outros museus, museus indígenas, museus de favelas, museus de quilombo, museus de terreiro. Mas também eu fico pensando no museu como um laboratório aberto, de experimentação, de criatividade. De estar junto, de ter, de se divertir, de ter prazer, de brincar, de namorar, de correr, né? Eu acho que esse museu é um museu que vale a pena.

**Leo:** Eu acredito em algo que vai me libertar, então eu acho que assim, se os museus estão me aprisionando, eu não estou me vendo ali. Se o museu tá me aprisionando, ele não me cabe e ali eu vou lacrar em cima dele assim, acho que eu falo para Camila que eu tenho, eu imagino ali, no lugar do Pedro Ludovico. A foto do novo álbum da Beyoncé em cima do cavalo, sabe? Porque para mim aquilo, assim, é revolucionário.

## **FECHAMENTO**

**Música de fechamento: “Já foi”, de Janine Mathias.**

**Vem, vamos brincar de amanhecer, e o amanhã vai se estabelecer**

**É hora, agora, já foi**

**É hora, agora, já foi**

**Eu quero cantar pra saudar o vento**

**Que é como o amar de cada momento**

**A paixão e a paz e eu já não me aguento**

## É querer demais que eu tenho aqui dentro

### E eu tenho

### Pra quê?

**Clarissa:** Durante a nossa visita ao MIS, a gente sentiu os tensionamentos entre o museu como instituição e as pessoas que trabalham e pesquisam ali. Ainda que exista um desejo de mudança, de abertura a uma realidade mais diversa, o caminhar é lento e regido por muita burocracia e decisões políticas verticais. Uma história que ficou na nossa cabeça foi a de uma coleção de fotografias do MIS. São fotografias da jump, uma balada LGBT que acontecia em Goiânia na década de 90, e durou até 2008. São imagens de drag queens, de gogo boys, da galera curtindo a noite. Esses registros são fundamentais para a memória de uma coletividade de pessoas que é historicamente marginalizada, são imagens de resistência em um cenário social muito conservador e violento. É impressionante que essa coleção esteja guardada no MIS. Mas é isso, ela está guardada, nunca foi exposta, e bom... parece que não tem nenhuma previsão que um dia vai ser. O museu pode salvar, mas também pode soterrar a memória.

**Irene:** A conversa com Camila e com Leonardo foi muito forte, sabe? Ali na sala do Ser-Tão a gente se reconheceu como habitantes das fissuras. É nesse entremeio das coisas, nas pequenas brechas e rachaduras das estruturas institucionais que a gente se instala, que a gente vai armando nossas trincheiras e tentando abrir as fissuras cada vez mais, para que caibam mais e mais pessoas ali.

**Clarissa:** Quando começamos a pesquisa que dá a base para os episódios dessa temporada e da temporada passada, que é uma pesquisa sobre antropologia feminista da ciência e tecnologia, a gente não imaginava encontrar com pesquisadoras trabalhando com museus. Mas faz muito sentido, porque o desenvolvimento da ciência tá muito ligado aos museus, em especial aqui no Brasil. Para nós, pesquisadoras feministas, imaginar outros futuros é urgente e necessário. Mas, sem pensar o passado, como a gente vai imaginar outros futuros? E assim, olhando pro agora, pro que virá e pro que já foi é que a gente continua nossas andanças. Até a próxima parada!

**Irene:** Esse foi o episódio "**Entre fissuras e cortinas: modos feministas de habitar a memória**". A gente agradece muito pela sua audição. Mais informações sobre as participantes do episódio e o projeto do Mundaréu, você encontra na nossa página: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>

Também agradecemos o apoio da equipe que esteve em Goiânia: Daniela Manica, Joana Amaral, Fernanda Mariath, Clarissa Reche e minha amiga Jade Luz. Eu fiz a edição do episódio, junto com a Isabela Dantas e com a Maxie Viana Pereira. A equipe agradece também a equipe que divulgou o episódio nas redes sociais, coordenada pela Fernanda Mariath. A música dessa temporada segue sendo "Já foi", da cantora Janine Mathias. O Mundaréu integra a Rádio Kere-kere, uma rede de podcasts de Antropologia e Ciências Sociais, do Brasil e de Portugal. Para conhecer estes outros programas, visite: <https://radiokerekere.wordpress.com/>

A FAPESP, a Unicamp, a FAP-DF, o CNPq e a UnB apoiam o Mundaréu e somos gratas por

isso.

A gente se encontra e se ouve aqui no mês de dezembro, com o último episódio dessa quinta temporada. Até lá!